



OS ULTIMOS ECOS DAS FESTAS

(Desenho Pereira da Costa)

2.<sup>a</sup> série — N.º 489

# Ilustração Portuguesa

Lisboa, 5 de Julho de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑA

Trimestre..... 1820 cív  
Semestre..... 2340 "  
Ano..... 4890 "

Numero avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal O SEculo

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,  
Rue des Capucines, 8

Diretor: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, e oficinas de composição e impressão  
RUA DO SEculo, 43



**REMINGTON UMC**

### Armas E Cartuchos Remington-UMC

"Os cartuchos UMC trazem-me grãtas lembranças da minha mocidade. Os *"Ilustros"* como nos os chamamos aqui por estas regiões, foram os favoritos do meu pai e tem sido a parte inseparável da vida de meus filhos. Companheiros fôra em todas as nossas caçadas, e tem contribuído generosamente para o sustento da nossa família. Conhecem-se ha cinquenta annos e já se adaptaram a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabricados pela Companhia construtora das armas famadas por todo o mundo há mais de um século, e agora representada pela nossa filial e estabellimento REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, paizios pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensaveis na minha familia, porque desde a minha infancia tem sido facilissimo e Fico *"Novos de Cada Dia"*.

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se á venda nas casas principaes em todas as partes.

Enviamos gratis, circulares descriptivas, catalogos e cartazes a côtes a quem os solicitar.

**Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.**  
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil  
**LEE & VILLELA**  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 133, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas  
**OTTO KUHLEN**  
Caixa Postal 27 A.  
Manaus

PARA ENCADEERNAR A

### "Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo effeito.

**PREÇO: 360 réis**

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envlam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do co reito ou ordens postaes. Cada capa vem acompanhada do indice e frontispicio respectivo

**ADMINISTRAÇÃO DO "SÉCULO"**  
Rua do Seculo, 43—LISBOA

TELEPH. N.º 2638

**PERFUMARIA**

**ROSA D'OURO**

COLONIAL

SORTIMENTO

Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES LISBOA

**Gizella**

O MELHOR SABONETE

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMIA DA EUROPA

**MADAME**



## Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valcunios. Peio estudo que fez das ciencias, quironomias, cronologia e fisionomia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$800 réis

Agencia em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, LISBOA.

**FOTOGRAFIA**

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre**

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e

Fotogravura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

## Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executam do todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexecelvel perfeiçào

**Stereotipia**  
De toda a especie de composiçào

**Composiçào e impressào**  
De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

**Zincogravura e fotogravura**  
Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado  
Em cobre.  
A côres, pelo mais recente processo—o de tricromia  
Para jornaes, com temas especies para este genero de trabalho

OFICINAS DA **Ilustração Portuguesa** RUA DO SÉCULO, 43



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 489

5-7-1915

## A febre tifoide

As tropas italianas que procederam á occupação de Monfalcone encontraram na casa do governador militar austriaco varios rascos contendo caldos de cultura do bacilo da febre tifoide. A que se destinavam essas culturas de laboratorio—na posse de um quartel gene'al? Evidentemente, á inquinação das fontes. Ignobil? Decerto. E' sempre ignobil assassinar. Mas o que é a guerra moderna—o sr. d'Annunzio vae historiar ago a—senão a legalisação universal do assassinio scientifico e do exterminio em massa? Todas as condições que faziam da guerra uma escola de honra, de bravura e de generosidade le, perderam-se. A *guerre en dentelles* acabou. As grandes batalhas deixaram de ser torneios,—para se torna'em emboscadas. Nobreza? Beleza? Força? Logares comuns. Mata-se a distancia, devastam-se na treva. Todos os processos de exterminio se equivalem; todas as armas são por egual gloriosas ou ignobes,—desde o infinitamente grande do canhão 42, até ao infinitamente pequeno d'um bacilo d'Eberth. Condenar as minas submarinas e os gazes asfixiantes, as culturas microbianas e a dinamite dos Zeppelins,—seria condenar toda a guerra moderna. E com que justiça, meu caro senhor d'Annunzio,—se está provado que os estilhaços de granada fazem perfurações intestinaes muito menos perfeitas do que a febre tifoide?



## Malhõa

Só agora pude visitar a Exposição de Barata Salgueiro. E' notavel. Impressionaram-me profundamente os retratos neo-velasqueanos de mestre Columbano, já muito meus conhecidos; os *Carvalhos* e a *Chã de Leonte*, do grande colorista que é Veloso Salgado; o retrato de *M.elle S.B.*, obra prima de Constantino Fernandes; o marmoreo de Francisco dos Santos, que me sugeriu o *Beijo*, de Rodin; e toda a obra original e vigorosa, admiravel e inimitavel de Malhõa. Foi precisamente n'esta ultima, por acaso, que a minha atenção mais se demorou. Desde a *Varanda dos Rouxinoes*, com vida pintura onde balbucia, entre glicínias azues, a ingenua expressão d'um idilio de Theocrito, até essa maravilha de cor que se chama *Um recanto de Figueiró dos Vinhos*; desde o retrato do sr. A. L., com a sua blepharite de velho e o seu brazão d'armas, até á cabeça enérgica, viril e moça do *Cetfeiro*, que se diria arancada, estuando sangue, ás paginas ardentes de Fialho; desde a originalidade magnifica da *Pereira Seica*, onde uma face risonha de velho assoma junto d'uma arvore florida, até a essa soberba orquestração de horizontes e de ceus, branco luminoso nas *Margens do Arunca*, roseo de poente na *Igreja* e no *Nascer de Lua*, pardo e trágico na *Trovoada perto*,—como o talento extraordinario de Malhõa, de tela para tela, explende e



vive, se exalta e se transfigura, cheio sempre de raça e de côr, de povo e de sol, de bravura e de orgulho!

## Modas

Diz-me uma carta azul, com muitas *pattes de mouche* e um sinete d'armas sobre lacre dourado: «Engana-se, meu amigo. Você e o seu amigo Augusto de Castro. Enganam-se ambos. A saia moderna tem mais vantagens do que vocês pensam: obriga a mulher a mostrar os pés, e, por consequente, a calçar-se bem. Acha pouco?» Não, minha senhora. Permita-me que lhe beije as suas mãos ignoradas e que não concorde consigo. Se o critério é esse, se a saia d'hoje deve ser reputada excelente por que obriga a mulher a mostrar o pé,—a saia d'hontem, exigua, hipotetica, travadinha, feita d'um sopro e de 75 centimetros de sêda, devia ser considerada admiravel por que obrigava a mulher a mostrar o pé—e a perna. E chegariamos á *lague* de M.<sup>m</sup> Lafitte-Desirat: «O melhor vestido da mulher é aquele que melhor a despe».



## Sombra de fumo

Depois do pessimismo doentio de Antonio Nobre; depois da arte suntuosa de Eugenio de Castro; depois da eloquencia lirica de Fausto Guedes; depois das georgicas cristãs de Co-rêa d'Oliveira,—o lirismo falado, natural, conceituoso, subtil e ironico de Augusto Gil. Na *Sombra de Fumo*, agora publicado, e mais ainda, talvez, no *Canto da Ci-*



*gitta* e no *Luar de Janeiro*, o grande poeta sabe conversar admiravelmente com quem o lê. Como João de Deus, com quem se parece na sobriedade lapidar; como Campoamor, a quem se assemelha na riqueza dos conceitos,—Augusto Gil é mestre na mais complexa de todas as artes: a arte de parecer simples.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



de



regresso

Após quatro horas de renhido combate contra forças inumeráveis, a infantaria desorganizou-se com a queda do comandante.

Investiram então os dragões n'uma arremetida furiosa. Mas o inimigo, em massas compactas, envolveu o bravo esquadrão apertando-o entre dois fogos. Era incessante o troar da artilharia e por entre a fumarada das descargas mal se distinguiram uns aos outros os combatentes que, do nosso lado, avançavam com ímpeto, dizimando os alemães; mas estes eram tão numerosos que o seu triunfo não podia falhar. Em breve foram prisionados grande numero d'aquelles cuja retirada os valentes dragões tinham procurado proteger e as proprias unidades do esquadrão derrubadas foram levadas para o interior onde o inimigo tinha por si o genio que, por insinuações e dadas, conseguira revoltar contra o nosso dominio.

Terminado o combate e dissipado o fumo da polvora podia ver-se o chão juncado de corpos que não davam sinal de vida, baixas inumeras dos alemães, algumas dos nossos.

Pelo anoitecer alguns pretos do Cuamato vieram sobre Calueque como um bando de aves de rapina com o proposito de despojar os mortos.

Um d'aquelles servira muito tempo de guia aos dragões na sua demorada exploração pelo mato e fôra-lhes fiel, em parte fascinado, em parte intimidado pelo gesto imperioso do tenente.

Reconhecendo entre os que jaziam no campo uma praça com quem acompanhára mais de perto e que com ele repartia ás vezes tabaco, demorou-se a olha-lo e julgou ver-lhe fazer um movimento. O soldado tinha o braço direito despedaçado.

Supersticioso como todos os pretos teve medo de que a alma do tenente que todos diziam morto viesse persegui-lo se não valesse a um dos seus soldados que ainda respirava. Abaixou-se, humedeceu-lhe os labios com aguardente que trazia á cinta n'uma cabacinha, desabotoou a farda do ferido e esfregou-lhe o peito vigorosamente.

A pouco espaço o soldado de dragões Lou-

renço Gaspar recobrava o conhecimento soltando um debil gemido.

Então o negro, ajudado por outros sobre os quaes parecia ter uma certa autoridade, levou o dragão para uma clareira do bosque de espinheiros vizinhos, arranjou-lhe uma cama de folhas secas e deixou-o ficar ali entorpecido acendendo a distancia uma fogueira para afastar os animaes ferozes que pudessem ser atraidos para aquele sitio.

De madrugada voltou com um feixe deervas carnosas, pisou-as com um masso dentro de um côco á maneira de gral e fez uma pasta. Aparou depois com a sua faca os frangalhos de carne pendentes do hombro do ferido que soltava gritos lancinantes durante a barbara operação, cobriu tudo com a pasta de ervas balsamicas envolvendo o côto do braço perdido em panos que trouxera e atando-o com tiras.

A' tardinha voltou com uma beberagem escura que deu a beber ao ferido e pareceu acalmalo fazendo-o adormecer.

Seguiram-se dias e dias em que o negro vinha regularmente de manhãzinha e á tarde pensar a ferida e trazer-lhe de comer, tendo sempre a cautela de juntar ramos secos a um lado da clareira para lhe deixar lume toda a noite.

E ao passo que se ia fazendo a cura, Lourenço Gaspar, sósinho no bosque dia e noite, devorado pela nostalgia da patria e dos seus, revivia a sua passada existencia relembrando episodios desde creança, primeiro atraz da charrua com o pae, admirando a profundidade dos sulcos abertos na terra, mais tarde mondando as ervas daninhas na horta, brincando aos domingos com os rapazes da sua criação no adro da igreja, tomando depois em idade precoce a direcção da lavoura por morte do pae, tendo de erguer-se com estrelas no céu para dar vencimento ao amanho das suas geiras e gostando ainda, depois da ceia, todo ensonado, de se sentar n'um degrau da cosinha terrea, junto do logar onde a mãe seroava, para lhe deitar a cabeça no regaço.

Viera afinal o amor perturbar o desabrochar da sua mocidade, o doido e cego amor que lhe apontára a mais bonita e mais ladina mocinha dos seus sitios, uma engeitada creada na freguezia que viera um verão com outras á ceifa nas searas de Lourenço Gaspar.

A mãe do rapaz notára-lhe logo diferenca. De dia via-o distraído do trabalho; á noite, se vinha ainda procurar-lhe o regaço para descansar a cabeça não era atordoado com sono como d'antes, mas de olhos abertos, taciturno, soltando suspiros reprimidos que a faziam cismar.

—Obra de amores, pensou ella. E passou a

observar. A rapariga já lhe dera nas vistas pelos seus modos singulares e pelos enfeites do cabelo, que outros não podia ter, com que procurava sobressair às mais. O espelheiro comprado ao bufarinheiro com o salário d'um dia de trabalho ensinára á jornaleira Laurentina os sorrisos melancolicos e os olhares vagos que mais quadravam ao seu semblante delicado, as ondulações perfidas que realisavam a sua gracilidade e a astuta rapariga aprendera cuidadosamente a lição sabendo impôr naturalidade a olhos inexperientes.

Ambiciosa e soberba da sua formosura, jurára a si mesma que não havia de acabar de pé descalço como andava e que havia de prender nas malhas de bem tecida rede algum rapaz de teres que a desposasse; porque o seu sonho do ventura era poder ataviar-se com bonitos

quizesse lêr no futuro e com a presciencia das mães respondeu passados instantes:

—Cuido que não.

Lourenço aterrorisado como um espirito supersticioso em face d'um vaticinio adverso, atreveu-se a perguntar:

—Mas julga mal d'ela?

—Não te sei dizer nada, filho. Sinto que não te virá ventura d'ali. Mas não te tolho sendo da tua vontade. Se é esse o teu destino tens de segui-lo—concluiu a aldeã com o fatalismo da gente do povo.

Este dialogo com a mãe tinha ficado gravado na mente de Lourenço e muita vez mais tarde se lhe avivou na memoria, reconhecendo o genio ativo e imperioso da mulher com quem casára, ouvindo-a alterar com sua mãe, sobre cujas determinações a sua vontade havia sem-



fatos e mostrar-se desdenhosa com as que a olhavam com ares de proteção, lastimando-a pelo seu nascimento. Criada sem afagos aos baldões da sorte, também não tinha afeição a ninguém. Era egoista e malevola.

A melancolia que afetava despertou sincera piedade na alma amavel e compassiva de Lourenço Gaspar que a tomou a sério e da piedade ao amor medeou, como em geral sucede, a espessura d'uma linha de cambraia.

A mãe do enfeitado rapaz é que viu ás claras aquele manejo de sedução e surpreendeu na rapariga expressões de semblante que desdiziam da modestia que simulava em presença de Lourenço.

Ficou de pé atrás.

Quando Lourenço se abriu com ela dizendo-lhe que estava decidido a casar com Laurentina mostrou-se pouco risonha. E á pergunta de Lourenço, que indagava se não lhe parecia que houvesse de ser feliz com a sua escolhida, a mãe fechou os olhos, concentrou-se como se

pre de sobrelevar com desprezo de todos os ditames da experiencia que acolhia em ar de mofa, observando-lhe modos desabridos quando não satisfazia os seus caprichos.

Veiu um filho ao tempo em que Lourenço caiu nas sortes.

A paternidade calou fundo no seu coração sensível e Lourenço veiu para o serviço com pezar maior ainda por se afastar da criancinha de poucos mezes que de tudo mais.

Rendia-se-lhe o coração ao contempilár aquele entesinho tão mimoso a que dera o ser e desfez-se em recomendações á mulher e á mãe sobre os cuidados que no seu entender ele requeria.

Quería receber sempre noticias; e quando conseguia obter uma licença af apparecia ele na aldeia a beijar o filho e a admirá-lo.

Lembrava-se bem de que o pequemito já lhe deitava os braços ao pescoço e lhe dizia «pai» com uma meiguice que lhe instilava na alma uma doçura infinita, quando o mandaram para a Africa.



Sem que fosse covarde nem que tão pouco tivesse prosapias de valentão, aquela nova foi para ele uma punhalada. Sentiu uma dor imensa ao pensar que poderia deixar orfão tão pequenino aquele filho que era o seu encanto e que o consolava da desarmonia que se dava entre o genio de Laurentina e de todos de casa. A mulher tinha sempre para ele a mesma atração física; mas perda de estima do excelente rapaz que se indignava de a vêr desrespeitar-lhe a mãe a quem ele votava no sacrario da sua alma um verdadeiro culto; e nas horas em que a razão dominava o instinto sentia-se assediado por aquela vaidade tão falta de senso, aquela futil soberbia.

O filho, o filho sim, esse é que ele levava atravessado na garganta e que via sempre depois em sonhos e nos desvarios da febre, quando as sezões apertavam com ele n'aquelas terras insalubres.

Tudo isto perpassava sem cessar na mente de Lourenço retido no bosque que anceava por abandonar.

E com tudo isto vinham-lhe tambem á lembrança as noticias que já em Africa recebera da terra. As cartas da mulher, secas, sem carinho, falando da criança com enfado; as da mãe, saudosas, significativas nas entrelinhas: que era muito preciso lá, que um homem fazia muita falta em sua casa; sempre era outro respeito; que tomara vêl-o de volta; mas que resava para que ele soubesse cumprir o seu dever, visto que o tinham chamado e devia dar boa conta de si. E ensinava o menino a pôr as mãosinhas pelo pae.

Então havia alguém que desrespeitasse a sua casa?

Que queria dizer aquilo?

Nos meados de março Lourenço conseguia reunir-se, depois de fadigasas jornadas por sitios requemados de sol aos camaradas aquartelados em Mossamedes que o julgavam morto, tendo já vindo o seu nome para a metropole na lista dos falecidos.

Inutilizado agora pela perda do braço direito foi mandado regressar á patria e desembarcando em Lisboa depressa tomou comboio que tinha apeadeiro perto da sua aldeia.

Foi uma surpresa a sua aparição quasi sobrenatural á entrada da terra para amigos e conhecidos. Alguns chegaram a dizer-lhe que mais valia ás vezes um homem cair debaixo das balas inimigas para não se tornar a levantar, que ter de passar certos desgostos; que n'uns barracões que lhe pertenciam poucos passos adiante encontraria sua mãe vestindo o seu luto embora ella dissesse a todos que uma voz interior lhe segredava não lhe ter morrido o seu filho. Ella lhe daria as novidades.

Efetivamente Lourenço avistou a uns cem passos de distancia uma mulher vestida de preto pondo a enxugar a uma porta uma roupinha de criança.

Quando os dois se reconheceram apertaram-se peito a peito doendo-se no intimo a pobre

mãe de mais aquele golpe ao vêr o filho mutilado, sem um braço para a cingir.

— Bem m'o dizia o coração, meu Lourenço, Adivinhava que sofrias; mas nunca acreditei que tivesses morrido—repetia-lhe a mãe banhada em lagrimas de comoção.

— Mas porque estão aqui, mãe? Heuve algum fogo na nossa casa? O menino? A Laurentina?

— Peor que fogo, filho! Essa má mulher lá está... casada com outro.

— Não me diga isso, mãe!—bradou Lourenço fóra de si, levando ao peito a mão que lhe restava como se o tivessem apunhalado.

— Não me acordes o menino—rogou a bondosa mulher indicando um esteirão ao fundo da casita, onde a criança dormia tranquila apoiando a cabeça na mãosinha rosada.

Lourenço fitou os olhos no pequenito adormecido e deixou-se invadir por uma onda de ternura que lhe tomou a fala.

— Ella queria por força o filho mas eu tirei-lh'o e trago demanda para nos darem o que nos pertence. Havia de poder deixal-a na palha! Oh! mas agora é o que lhe vae acontecer.

— Se ella me julgou morto não temos de que a censurar. Estava do seu direito. Quem é elle?

— Um fadista que pissa os dias em descantes, comendo na taberna o que é teu com outros que taes e que lhe bate se ella não dá dinheiro á ufa.

— E' o José do Moinho?

— Pois nem ha outro na terra peor do que aquilo.

— Foi tão infeliz na escolha... como eu—concluiu Lourenço com amargura.

— Resta-te o menino, meu Lourenço. Vês-lhe aquella mecha de cabelos brancos na fronte? Aquele sinal é teu, bem sabes, já era de teu pae. Este jurou eu sobre umas Horas que é teu filho.

— Este?! Ha outro?

Um debil «sim» descerrou os labios da mãe. — Atraiçoou-me então na minha ausencia, a perversa?—bradou Lourenço com veemencia. — O caso agora é outro. Porque não disse isso logo, mãe? Vou matar aquella desalmada.

— O' filho lembra-te d'este inocentinho que não tem mais ninguem—suplicou a pobre mulher no auge da aflicção.—Não te desgraces. Ella já tem o seu castigo. Quando aquele vadio não lhe puder comer mais nada mata-a com pancada. Deixa-lhe essa tarefa a elle. Sae da terra, não te armem alguma cilada e pede o divorcio. Abençoada lei que põe termo a tanta desgraça! Ainda podes achar uma mulher que te estime como mereces. Vamos crear o nosso anjinho longe d'aqui.

Os olhos de Lourenço volveram-se para a criança que despertava com o risinho alegre, enchendo de luz a alma do infeliz. Tomou nos joelhos o pequenito, que lhe lançou os braços ao pescoço, derramando-lhe n'alma o precioso balsamo que é a palavra «pae», proferida assim, como uma caricia, por uns labios infantis.

. 24—V—915.

A. C.

## Para os soldados portugueses em Africa



Aspetto dos fardos com socorros enviados pelo «Seculo» aos soldados portugueses em campanha em Africa

Embarcaram no vapor *Mocambique* e a estas horas já vão caminho de Angola 18 grandes volumes, levando os objetos que estiveram em exposição no salão da *Ilustração Fortugeta* e que se destinam aos nossos soldados ali em campanha. Foram todos adquiridos com o produto da subscrição nacional aberta pelo *Seculo*, que continúa a recolher donativos para o mesmo patriótico e humanitário fim, aplicando-os com a mais rigorosa economia e empregando todos os esforços para que a sua distribuição seja o mais equitativa possível. Dos volumes embarcados, 16 contem as roupas, pensos, etc., que já enumeramos n'um total de 10.352 peças, e os outros dois são duas grandes caixas com 1.000



Os fardos ao sairem do «Seculo», vendo-se á porta o sr. F. Eduardo Duvens, 3.º official do ministerio das Colonias, encarregado de os fazer expedir.

pacotes de tabaco cada uma. Todos estes fardos vão consignados ao quartel general das forças expedicionarias no Sul d'Angola, meio mais seguro de se lhes dar a devida distribuição. A qualidade do pano e o acabamento das roupas dão a estas evidente superioridade sobre as da ordenança. Esta circunstancia, segundo afirmam, faz dar a preferéncia ás roupas do *Seculo* para os serviços hospitalares. Os pobres doentes precisam de coisas mais leves e finas junto á pele, e para isso nada mais apropriado do que a flanela e o algodão adquiridos pelo *Seculo* para a confecção das roupas que envia em condições tão excepcionaes de preço que constituem a admiração de quantos as examinam.

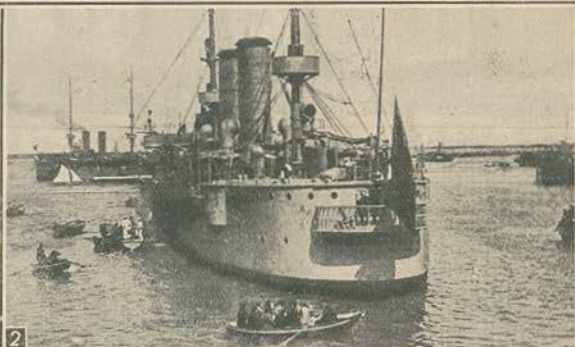


# DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA NO PORTO

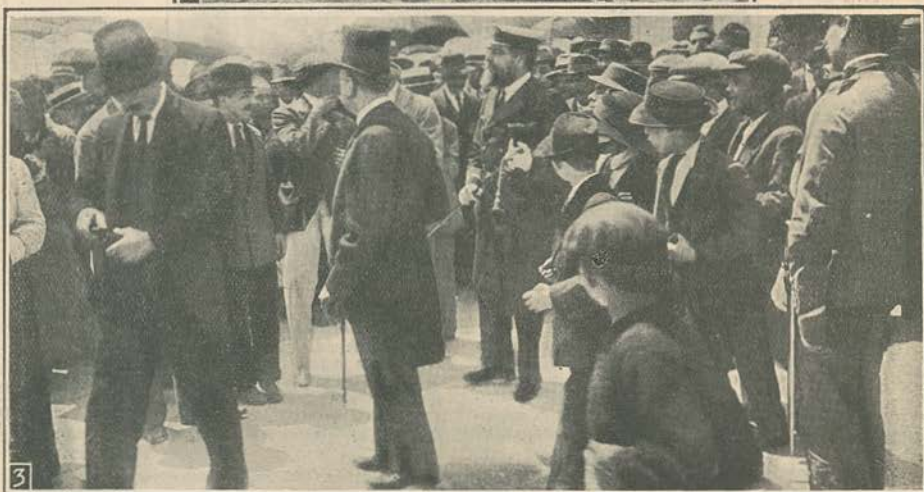


Excedeu a mais brilhante espectáculo a recepção feita pelo Porto aos bravos marinheiros que compõem a divisão naval portuguesa e que sob as ordens do seu illustre comandante sr. Leote do Rego, tão importante papel desempenhou no 14 de maio em Lisboa.

O rio Douro e o porto de Leixões encheram-se de pequenas embarcações de varios tipos,




todas embandeiradas, conduzindo pessoas de todas as camadas sociais que foram saudar com desusada alegria os heróis marinheiros. Essas manifestações estenderam-se até ao Porto, onde o brioso comandante da divisão recebeu não só no Palácio da Cidade, mas em toda a parte porque passou as mais vibrantes manifestações de simpatia.



1. O sr. Leote do Rego, desembarcando em Leixões, no lado do sr. Caldas Brito, secretario do governador civil.—2. O cruzador Vasco da Gama, navio chefe da divisão naval, ancorado em Leixões.—3. Outro aspecto do desembarque.—(Clichés A. Martins)





## *Aquela casinha*

(A talentosa poetisa D. Esmeralda de Santiago)

*Lá, ao longe, onde o ceu a terra beija  
Na volúpia febil do sol-poente,  
Uma casinha só, alvinhenta,  
Como o pano d'um barco que veleja*

*Sem que o tolde uma nuvem só que se'ia,  
Tranquila poussa ali bem docemente,  
Sem nada d'este mundo que a atormente,  
Ódio ou paixão, riqueza ou sua inveja.*

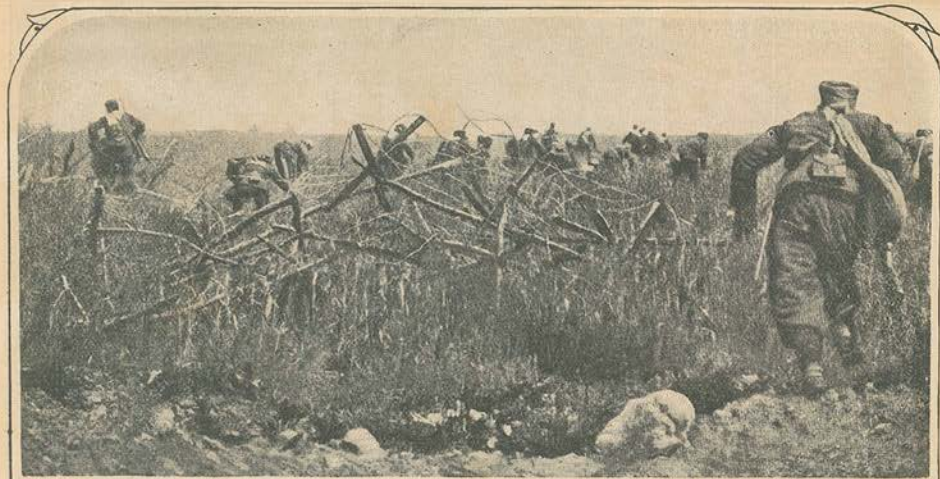
*Porto seguro p'ra os baldões da vida,  
Guarda fiel dos ais subtis d'amôr,  
Tudo n'ela terá doce guarida ;*

*Mas esp'ranças levae-lhe só em flôr;  
De enganos não the levo a alma tranzida  
P'ra mais não agravar a minha dôr.*

STUART

SILVANO.

# O VELHO MUNDO EM GUERRA



Carga de um regimento de zuavos no planalto de Toutvent—(Instantaneo de l'Illustration Française).

Os germanofilos festejaram a tomada de Lemberg como uma vitória decisiva dos austro-alemães para a evacuação da Galicia pelos russos. Com menos expansão a recebeu a propria Austria, porque as tropas do czar deixaram a capital da Galicia no mesmo estado de ruínas, de desolação e de pobreza em que a haviam encontrado, quando entraram n'ela. Nem o minimo material de guerra lá deixaram, e nem sequer um homem prisioneiro, porque a retirada foi em boa ordem, como todas as retiradas que fazem parte de um plano estrategico.

E não ha duvida de que Przemysl e Lemberg tinham sido tomadas como dois pontos aproveitaveis ao plano d'ação que então tinha traçado o estado maior russo. Na sua occupação vieram a acumular-se muitas forças que, se não faziam uma falta capital n'outros pontos, estavam por assim dizer escravizadas sem maior influencia para o resultado geral da luta. Agora tomam uma nova liberdade de manobrar e o inimigo, segundo os ultimos telegramas, começa já a sentir os efeitos de outra offensiva. Como se supunha, as tropas saídas de Lemberg retiraram-se diretamente pa-

ra leste, paralelamente á linha ferrea de Rowno, pois que o inimigo occupa posições em Zalkiew e em Hawa-Russha. Não é facil calcular qual será a fixação da nova linha de batalha determinada pelo estado maior russo, tanto mais que ella depende do resultado dos combates travados sobre o Dniester. Ha, por outro lado, a observar que esta retirada para leste vae separar muito as tropas que a sustentam e as que tem belas posições sobre o San e o Vistula, mas parece que o facto de escassear cada vez mais a ligação entre os dois corpos do exercito não inquieta muito os seus comandos. Assim parece comprovar-se porque tantas vitórias parciais se vão registando para os russos sobre a margem esquerda do Vistula como sobre o Dniester e na linha Dniester-Pruth. No Dniester sobretudo, a luta ameaça, de um momento para o outro entrar n'uma fase aguda. Os russos vão certamente provar de que elementos poderosos dispõem para vencer os seus adversarios.



A queda de um Taube no Mar do Norte, por motivo de uma explosão. Os naufragos são recolhidos a bordo de um navio neutro





*Nos Carpatos:*—Um bivaque de infantaria russa na floresta de Sunrise.



Generaes Janouchkévitch e Daniloff

O Imperador

O grão-duque Nicolau

**O czar no grande quartel general russo.** — A Rússia traz os olhos fitos no seu grande quartel general e põe toda a sua esperança na tática, energia e valor militar do generalissimo dos seus exercitos, o grão-duque Nicolau. O czar acompanha com vivo interesse todos os trabalhos e entra sempre na apreciação dos principaes planos.

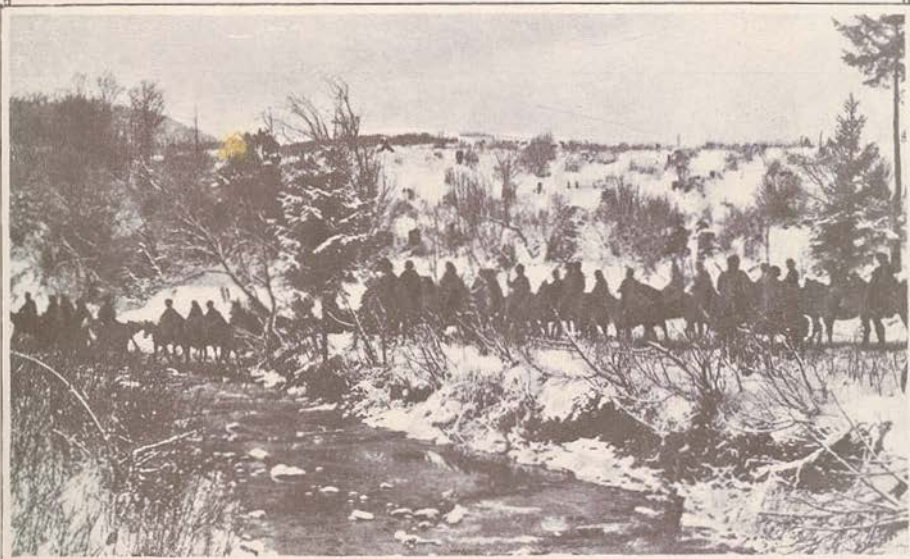
A maior parte da gente ignora a séde d'esse

quartel general e supõe que será n'uma bela vila ou cidade. Engano. O quartel general é n'uma povoação improvisada com vagon de diferentes classes n'um dos sectores da linha ferrea do oeste. São elles que servem de alojamento aos officiaes e á sua volta estão agrupadas algumas construções de madeira, pelas quaes se distribuem os diversos serviços do estado maior.





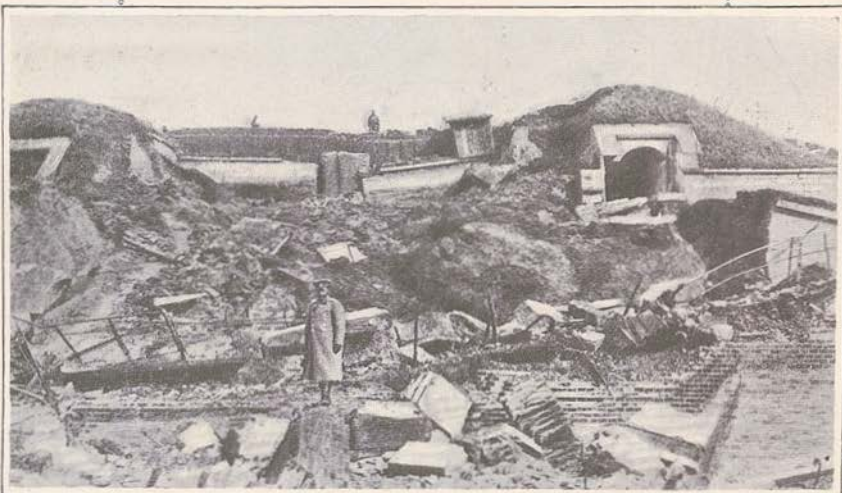
Uma parada das tropas russas do Cáucaso, momentos antes de partirem para a frente da batalha



A cavalaria russa atravessando um afluente do San



Uma divisão de cavalaria russa preparando-se para entrar em ação



O forte de Burko, em Przemysl, que os austro-alemães retomaram agora exatamente arruinado como o tinham deixado os russos.



Um aspecto das defesas de Przemysl destruidas pelos austriacos antes da praça se render aos russos e que ainda se encontram no mesmo estado ao ser retomada por aqueles.







O duque de Abruzzos, comandante em chefe das esquadras Italianas, acompanhado do oficial do estado maior, de Thun de Revel.

(Da *Rivista Italiana*, desenho de Amato).



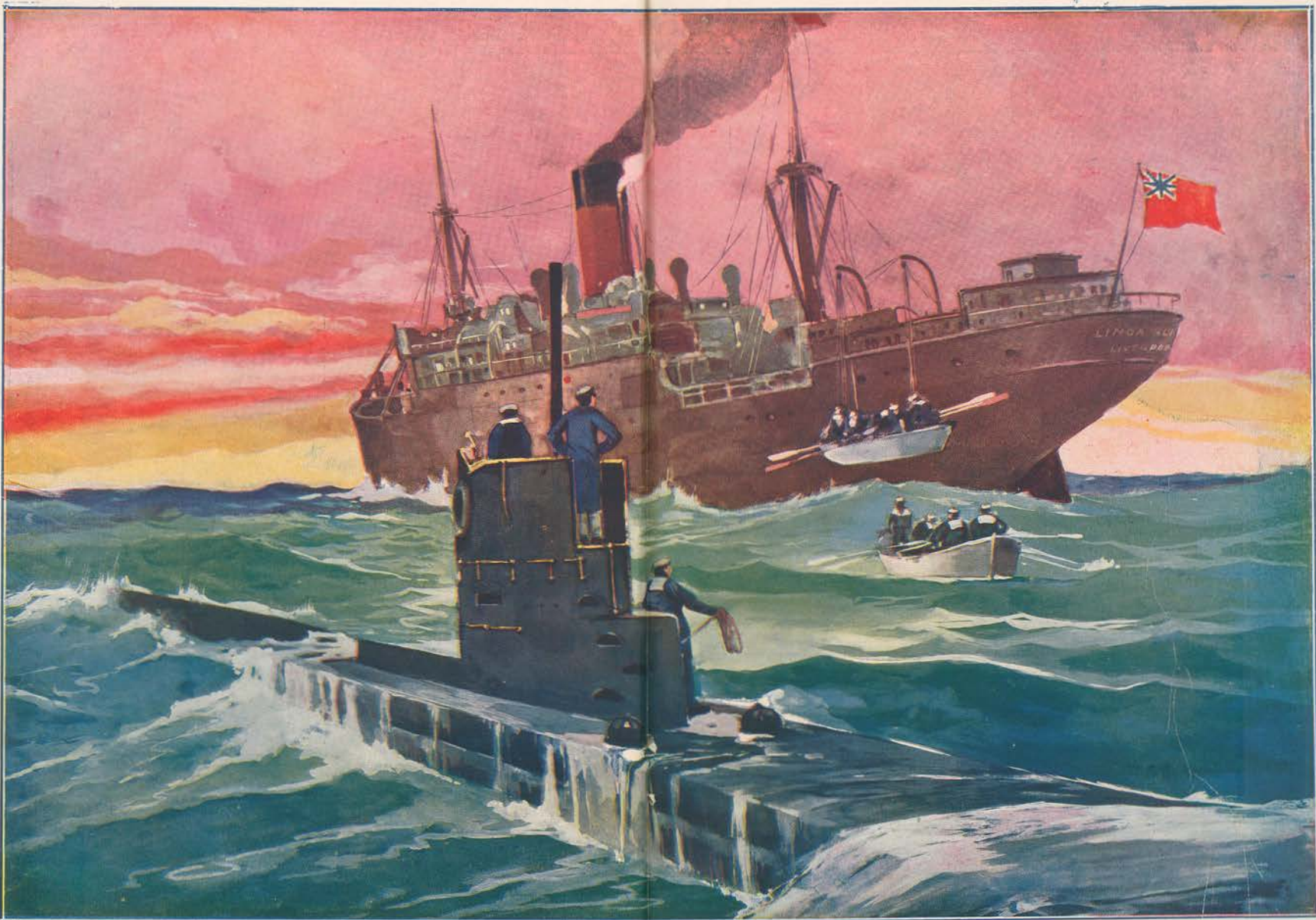


A artilharia italiana protegendo o avanço das tropas



Uma bateria italiana que protege a avançada das tropas encobre o canhão com ramos de árvores.

Um auto-omnibus suspenso milagrosamente sobre um abismo.



*Contra os navios mercantes:—Um submarino alemão prepara-se para meter no fundo um navio de passageiros.*





A ilha de Lissa



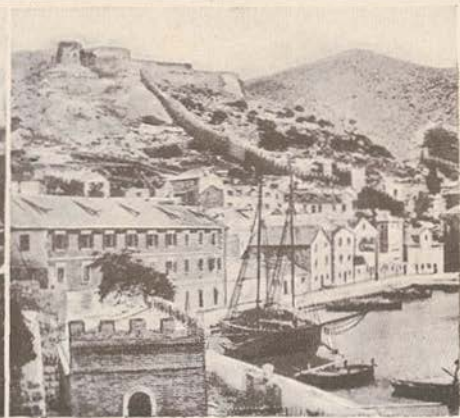
Porto de Cattaro



A cidade e o porto de Pola

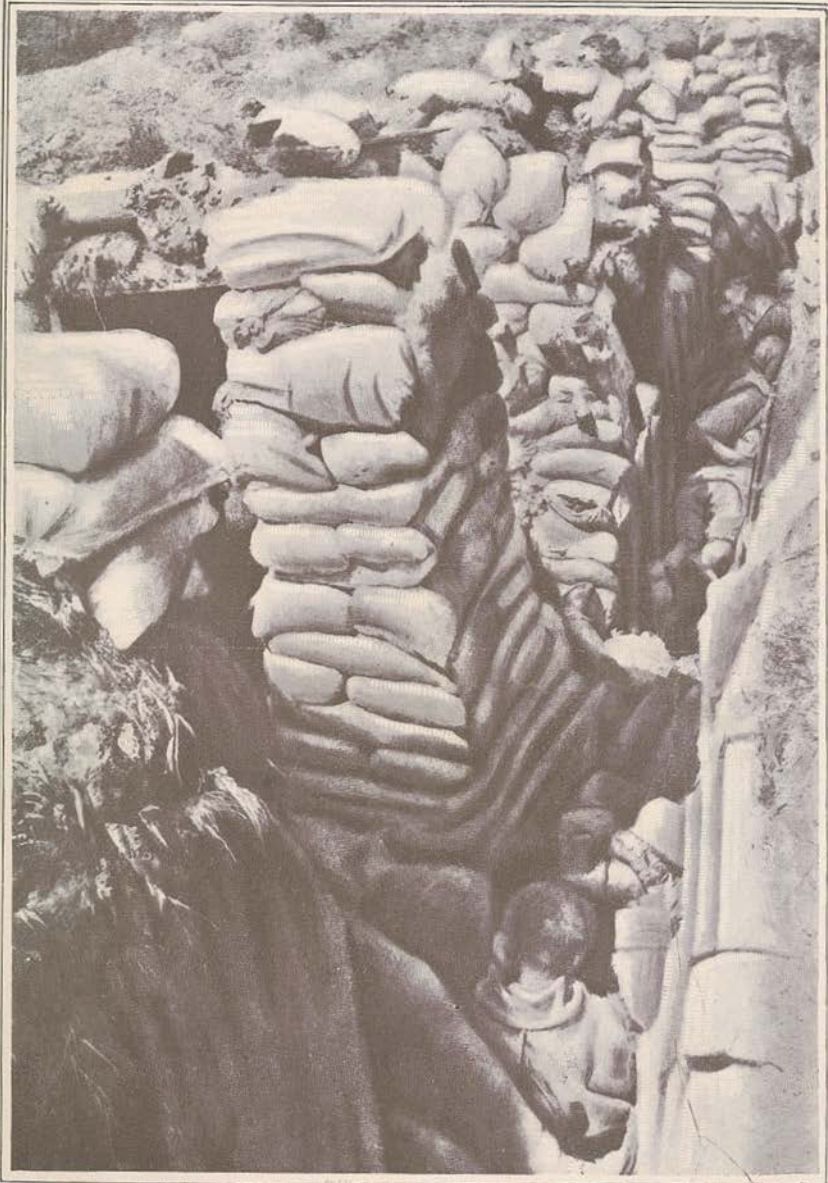


A cidade de Ragusa



A ilha de Lesina

(Ilhas e portos do Adriatico bombardeados pela esquadra Italiana)



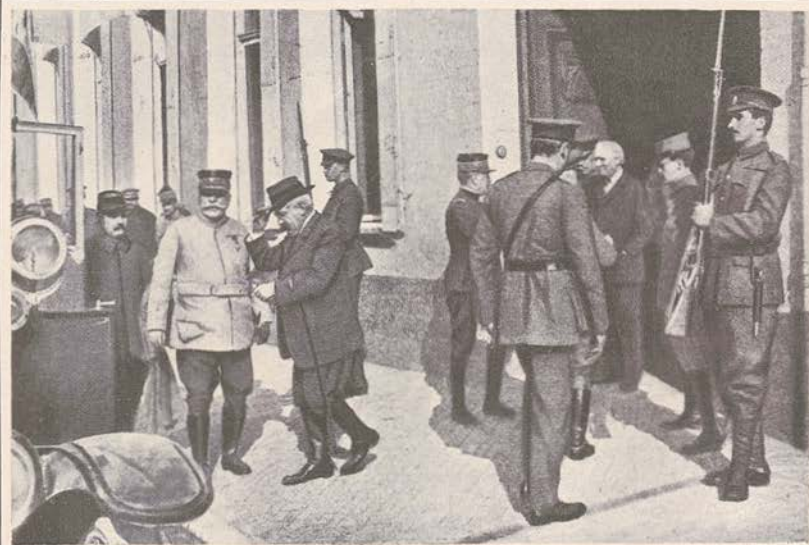
## O LABIRINTO

E' conhecida pelo nome de *Labirinto*, o que bem se justifica, uma confusão de defesas alemãs, tomadas em grande parte pelos aliados na batalha de *Notre Dame de Lorette*, ao norte de Arras. Abrange cerca de duas milhas quadra-

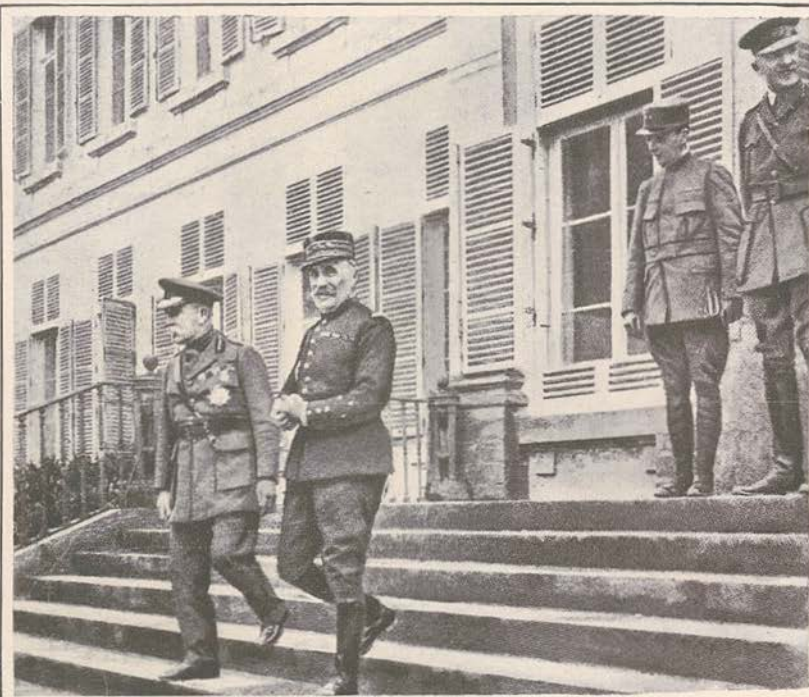
das e as suas trincheiras e linhas de defeza são tão complicadas e embrulhadas como o labirinto do Hampton Court, ao qual, logo ao ser tomado, foi comparado com a maior propriedade.

Da *Illustration Française*.



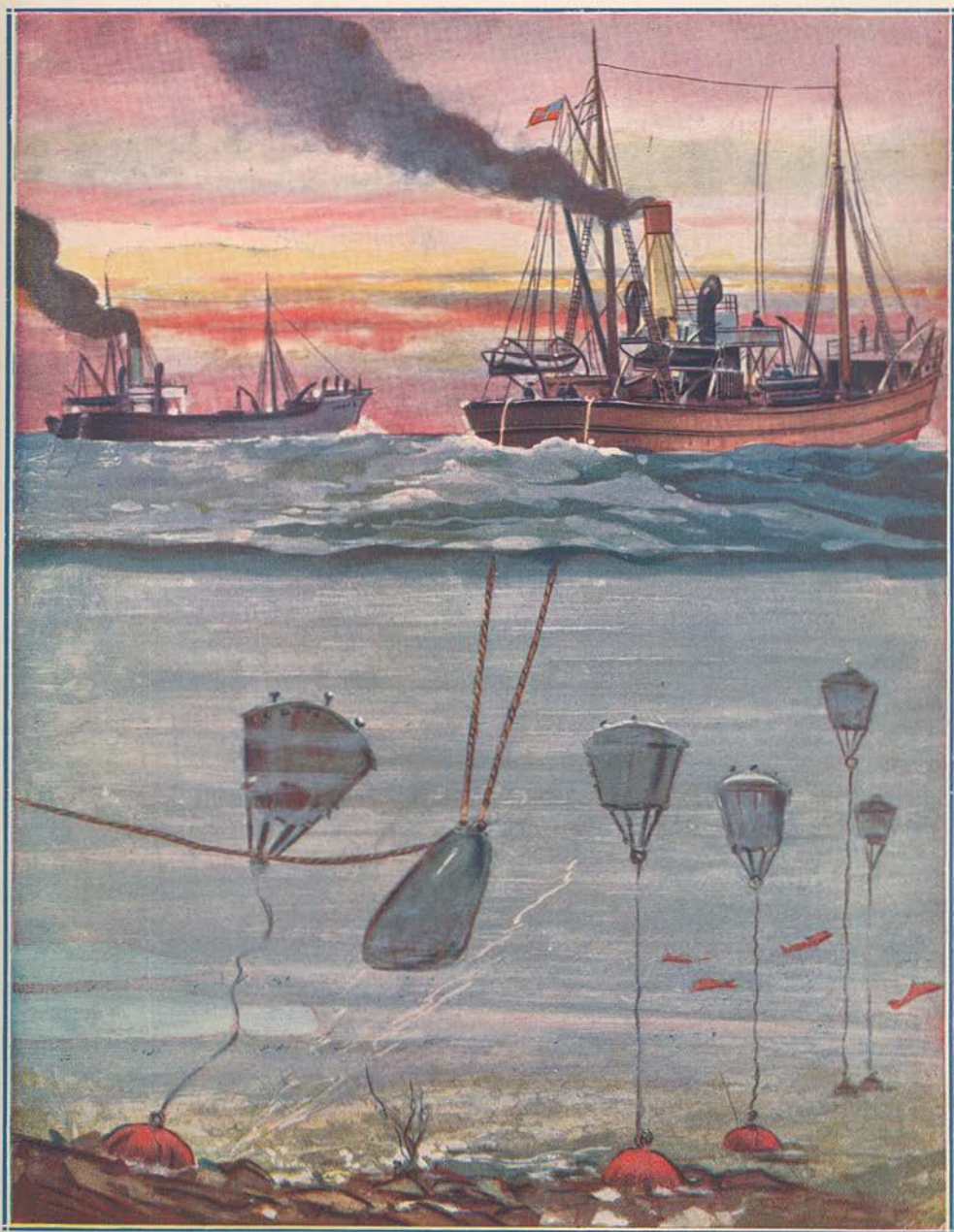


General Joffre — Mr. Millerand. — General Foch, Marechal French e Mr. Asquith.  
 Depois da entrevista de mr. Asquith, primeiro ministro britânico, com mr. Millerand, ministro da guerra  
 francez, no quartel general do marechal French



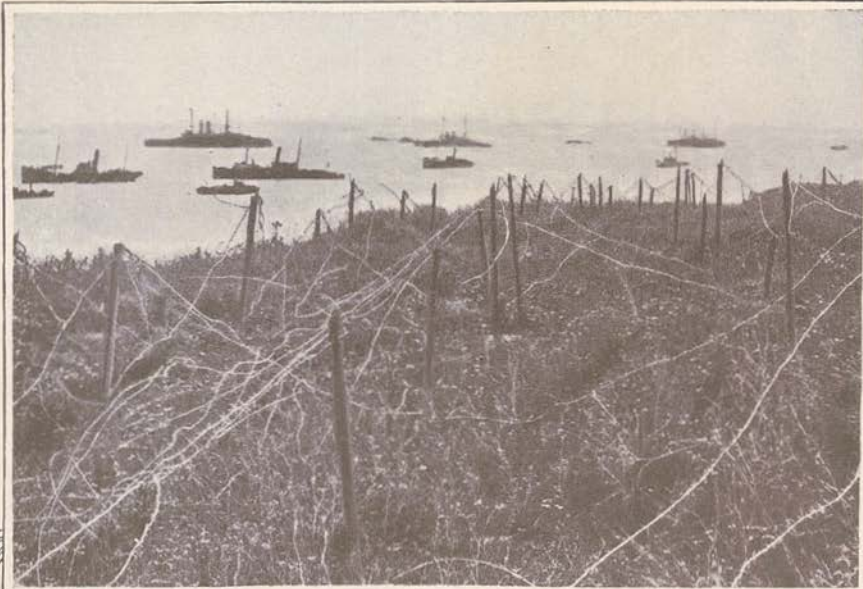
Marechal French — General Foch — General Huguet — General Wilson

(Uma visita do marechal French ao general Foch)



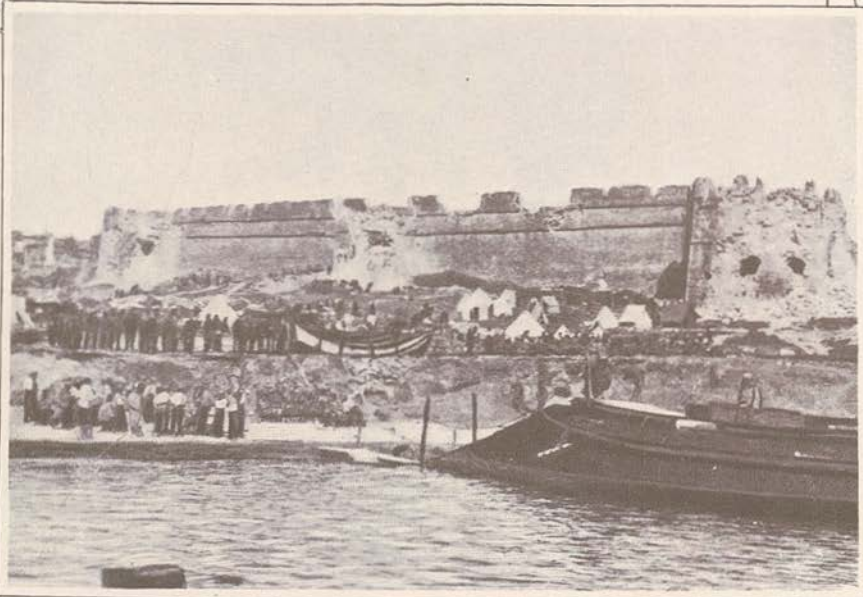
*No mar do Norte:— O trabalho difícil e perigoso da pesca das minas.*





**NOS DARDANELOS.**— Em todos os portos da costa da Europa e da Asia, nas margens dos Dardanelos, onde os tu-cos receiam o desembarque das tropas aliadas, tem eles formado extensas vedações com estacas de ferro e arame farpado para resistirem um pouco

melhor á invasão. Não impediu isso, porém, que já se tenham efetuado muitos desembarques e que os avanços dos aliados por terra em direção á cidade de Galipoli já contem muitos kilometros. Os ultimos telegramas assim o confirmam plenamente.



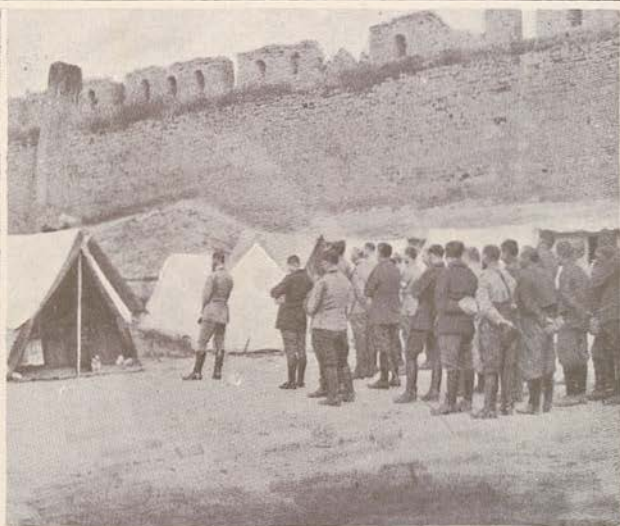
Em volta do forte de Seddul Bahr, destruído pelo vivo bombardeamento dos aliados, vêem-se as tropas anglo-francesas acampadas.



*No campo inglês de Seddul-Bahr.* — O adeus do general d'Amade ao estado maior dos corpos britânicos. Os oficiais ingleses ofereceram n'essa ocasião ao general d'Amade uma metralhadora tomada ao inimigo. A despedida não pôde ser mais afetuosa, porque Ingleses e francezes teem-se estreitado de tal forma sobre o campo da batalha as relações de boa camaradagem que parecem povos irmãos.



Sir Ian Hamilton, comandante em chefe do exercito Inglês no Oriente e o general Gourand.



A missa do Pentecostes, celebrada nas muralhas arruinadas de Seddul Bahr com a assistencia do comandante em chefe do corpo expedicionario francez no Oriente.





Caído na estrada, fulminado por uma bala.





Passelo com a família antes de partir para a guerra



A bandeira vitorlada pelas ruas de Roma



Tropas Italianas em marcha para o campo de batalha



# AS ATROCIDADES ALEMÃS



Trecho d'um relatório oficial: A 3 de setembro, o notário mr. Robert viu em Baron, Otse, um oficial alemão que trazia nos dedos nove anéis de mulher e no braço seis braceletes.—(D:senho inédito)

# FIGURAS E FACTOS

O rev. dr. E. P. Lewis D. D. (Oxon) F. R. S. A.  
 —Capelão da colonia inglesa em Lisboa e tambem da legação britanica, o rev. dr. Lewis partiu para Londres com sua esposa, depois de 8 anos de residencia entre nós. São duas figuras de muito prestigio e distincção, cuja falta na nossa primeira sociedade se vae tornando sentida.

O dr. Lewis, ás brilhantes qualidades que o recomendavam para o seu cargo, reunia as de um escritor distinto, de uma erudição rara, tendo



O rev. dr. E. P. Lewis D. D. (Oxon) F. R. S. A.

colaborado no *Seculo* de forma a tornar bem evidente a cultura do seu espirito e os primores da sua p. na. Revelou-se sempre um grande amigo de Portugal e interessou-se o mais possível pela consolidação das boas relações entre o seu poderoso paiz e o nosso. Mrs. Lewis, senhora dos melhores dotes de espirito e de coração, promoveu varias festas de caridade patenteando muitas vezes n'essas festas e nos salões elegantes o seu belo talento de amadora d'amatica.

## Para a subscrição do «Seculo»

Cruz Magalhães, o insigne poeta, que os leitores da *Illustração* já conhecem por algu-

patriotica, para ser vendido pelo maior lance e o produto incluído na subscrição do *Seculo*



O sr. Cruz Magalhães

mas deliciosas composições suas aqui publicadas, ofereceu um cachorrinho de um mez, chamado *Radir*, bisneto do celebre *Hermínio*, cuja raça purissima da Serra da Estrela ele tem mantido com tanta integridade como solicitude verdadeiramente



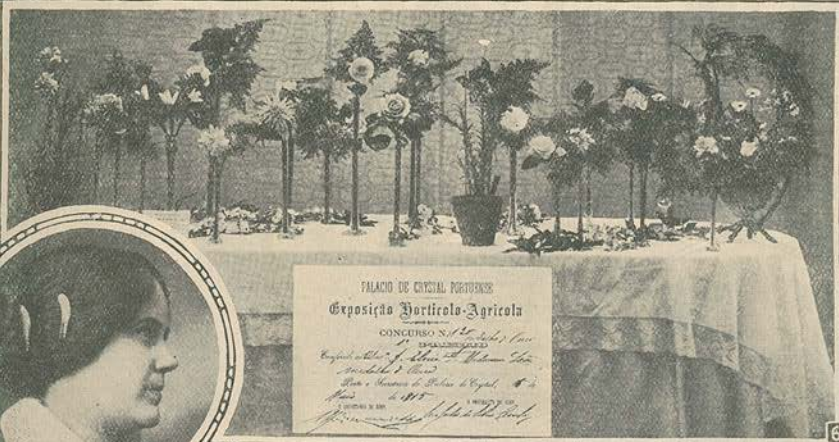
O sr. Rodolfo Viçtas Costa

para os soldados portuguezes em operações na Africa.

A aquisição do linho animal foi vivamente disputada, tendo-o adquirido por 50 escudos o sr. Rodolfo Viçtas Costa, importante proprietário e industrial de Lisboa.



O Radir



1. A sr.ª D. Elvira Teodora Madureira Leão, que obteve a medalha de ouro na exposição de flores artificiaes no Palacio de Cristal.—2. Um aspeto da exposição

**Exposição de flores.**—Preendeu a atenção dos visitantes a instalação de flores que a sr.ª D. Elvira Teodora Madureira Leão, distinta professora de flores ar-

tificiaes expoz no Palacio de Cristal na ultima exposição hortícola-agricola ali realisada, recebendo inumeras felicitações pelos seus esplendidos trabalhos.





1. Sr. Pereira Monteiro, fotografo na Figueira da Foz.—2. A menina Maria Eugenia de Lima.—(«Cliche» Pereira Monteiro).

O sr. Pereira Monteiro, fotografo na Figueira da Foz, é um verdadeiro artista. Todos os seus trabalhos leem um cunho de elegancia e de perfeição inextinguível. Não ha processo que lhe seja desconhecido e dos admiráveis progressos da fotografia moderna ninguém melhor do que ele sabe aproveitar o que mais relevo pode dar á sua arte. O seu vasto salão nada tem que invejar aos nacionaes e mesmo a muitos estrangeiros. A sua ultima exposição de trabalhos foi um successo artistico, que consagrou a valer o grande talento de Pereira Monteiro e a factura caracteristica dos seus trabalhos.

O reporter fotografico da «Ilustração Portuguesa» e do «Seculo» sr. Joshua Benoliel.

O distinto reporter fotografico da «Ilustração Portuguesa» e do «Seculo», o sr. Joshua Benoliel, foi galardoado com a medalha de ouro na exposição de Leipzig por trabalhos que lá tinham lido a mesma recompensa na exposição de artes graficas realisada na Imprensa Nacional de Lisboa.



O sr. Alfredo Guimarães, autor da linda peça em 1 acto, *A Pascoa Florida*, ultimamente representada no Teatro Nacional, ha pouco posta á venda



O coronel sr. Alexandre A. de Oliveira, que tem realisado interessantes conferencias scientificas e patrioticas em varios pontos do paiz.



Na igreja dos Anjos celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Adelaide da Cunha Lelo, com o sr. Artur Gabriel Perdigão Junior, sendo padrinhos por parte da noiva o sr. Pedro José da Cunha, e sua esposa, e por parte do noivo o sr. Henrique Carlos de Menezes Alarcão e sua esposa.—(«Cliche» Benoliel).





Dois apetos da cerimonia do batismo de Cristo em Pego Negro.—(Clichés do sr. Julio R. de Castro).

**O S. João no Porto.** — Por toda a capital do-Norte foi muito festejado o Santo Percursor, como de resto em todo o paiz. No lugar de Pego Negro, pertencente á freguezia de Campanhá, realiso-se pela pri-

meira vez a cerimonia do batismo de Cristo n'um riacho que atravessa a povoação, cerimonia que se revestiu de um pitoresco que a toda a gente muito agradeou.

**Vida artistica.**—O sr. Higinio de Mendonça que, alm de jornalista e escritor dramatico, é um paisagista muito distincto, expoz os seus ultimos quadros no Salão Bobone, os quaes mereceram o elogio unanime das pessoas que visitaram a exposição, e da propria critica que teve para o illustre artista os seus melhores



e mais justificados elogios. São trinta e dois os quadros pintados a oleo que foram expostos e em todos eles o sr. Higinio de Mendonça revela dotes superiores de tecnica que distinguem o seu trabalho. Sua filha, sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Cardoso tambem expoz dois quadros que egualmente foram muito apreciados.



3. Um trecho das Caldas da Rainha.—4. O sr. Higinio de Mendonça.—5. Um recanto de Gradil.  
6. S. Gregorio (aldela cerca das Caldas).



# CONCURSO DE BELEZA

FM

Lourenço Marques



1. Menina Irene Fialho, de 6 anos, 2.º premio, 2.º grupo.—  
2. Menina Cissy Couceiro da

Costa, 1.º premio, 1.º grupo.—  
3. Menino Jorge Lopes Costa, de 7 anos, 2.º grupo, 1.º premio.



4. Menina Maria Luiza Colares da Silva, de 6 anos, 4.º premio, 2.º grupo.—5. Menina Maria Alexandre Serra, de 4 anos, 1.º grupo, 2.º premio.—6. Menino Jacob Benoitel, 2.º premio, 1.º grupo.—7. Menino José Alexandre Serra, 1.º premio, 2.º grupo.—8. Menina Cláudia Del-Rei, 1.º premio, 3.º grupo.—9. Menino Rui Amaral

Cernadas, 1.º premio, 3.º grupo.—10. Menina Otília Colares Silva, de 10 anos, 3.º grupo, 2.º premio.—11. Menino Cesar Augusto Rodrigues, 2.º premio, 3.º grupo.—12. Menino José Nunes Soares, de dez anos, 1.º premio, 1.º grupo.

(Clubs de Hocking & Co. e Baily's Stadlo)



# O PRIMEIRO JORNAL DA AMERICA DO SUL



O comendador sr. Antonio Rodrigues Ferreira Boteho.



O sr. dr. José Carlos Rodrigues.

O *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro é a mais importante empreza jornalística da America do Sul e um dos principaes jornaes do mundo. Fundado em 1827 pelo livreiro francez, Emilio Plancher, o poderoso órgão carioca tinha ha bem pouco tempo a direcção do grande jornalista brasileiro, dr. José Carlos Rodrigues, que n'ela se conservou durante vinte e cinco annos. Cancado e edoso, o eminente cidadão fez-se substituir pelo benemerito portuguez, comendador Antonio Rodrigues Ferreira Boteho patriolo ido de Vila Real de

Traz os Montes ha uns bons trinta annos, cheio de aspirações e de uma cega confiança no futuro. E sobre elle impendem agora os creditos do *Jornal do Comercio* nobilitando assim o nome de Portugal no estrangeiro.

O sr. Ferreira Boteho é um homem illustre e competentemente educado na escola pratica da vida. Honra-nos a todos quantos prezamos vença alguem dos nossos em terras estranhas.

O *Jornal do Comercio*, de que é, atualmente, o principal proprietario, é uma força social na grande Republica Brasileira. As suas opiniões são acatadas por sóbrias e concludentes. No tempo do Imperio, com um simples artigo de opposição derrubava um governo de nome. Ainda, recentemente, com uma noticia de tres linhas, fazia demittir um ministro da fazenda.

E' o jornal querido da colonia portugueza e de escritores portuguezes tem sido a sua principal colaboração. Os nossos mais illustres homens de letras: D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Rodrigues de Freitas, Teofilo Braga, Guilherme de Azevedo, Castilho, Xavier de Novaes e, modernamente, os srs. conde de Sabugosa, dr. Alberto de Oliveira, Agostinho de Campos, Jaime

Séguier, Mayer Garçon e João Luso, na sua bellissima secção *Dominicaes*, tiveram e tem marcados os logares mais distintos no grande jornal brasileiro.



O edificio do *Jornal do Comercio*, no Rio de Janeiro

No banquete de despedida do dr. José Carlos Rodrigues, o nosso consul geral, dr. Alberto de Oliveira, foi a unica pessoa estranha á empreza que assistiu, saudando o velho e glorioso jornalista, agradecendo-lhe, como portuguez, os seus grandes serviços ao nosso paiz e dizendo «ser o *Jornal do Comercio* um poderoso instrumento de solidariedade entre as nossas duas

patrias, de uma comunhão de sentimentos, de pensamentos, de aspirações e interesses».

A *Illustração Portugueza* presta homenagem ao illustre patriolo que tem nas suas mãos o futuro do grande jornal amigo e defensor dos interesses e vidas portuguezes.

Tosé Simões Coelho.



# TEATROS



Cenas do 1.º ato da revista «O diabo a quatro»

É realmente «o diabo a quatro» o que se diz, canta e dança no Eden Teatro.

Este «Diabo a quatro» deve-se a tres endiabrados humoristas, os srs. Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos — que da sua fantasia comica, da sua «verve», da sua musa brejeira e viva deram mais uma afortunada e brilhante demonstração.

Nascimento Fernandes, Henrique Alves e Estevam Amarante pintam igualmente o diabo a quatro. Amelia Pereira e Berthe Baron dizem-no e dançam-no. E de tudo isto resulta a alegria esfuizante dos dois atos com que a nova revista em cena no Avenida he-dou a fortuna e a fama da «Aguilha em Palheiro» e do «Capote e Lenço».



Uma cena do 2.º ato



Gaby e Duque, atualmente no Teatro Apolo

## O PAPEL DA ILUSTRAÇÃO

Já explicámos em tempo como, apesar de todas as nossas diligencias e dos encargos que estavam prontos a contrair para que a qualidade do papel da *Ilustração Portuguesa* não soïresse com as dificuldades de fabrico e de transporte trazidas pela guerra, não conseguimos o nosso *desideratum*, tendo de nos remediarmos como melhor pudémos para não reduzirmos o numero de paginas da publicação. E essas dificuldades teem continuado a aumentar, dando-se agora uma demora inesperada na remessa de uma encomenda de papel da Inglaterra e obrigando-nos essa demora a empregar, em dois numeros talvez, outro papel que não corresponde ás necessidades de uma boa impressão nem aos desejos que tínhamos de corresponder ao cativante acolhimento dos nossos leitores, aos quaes pedimos desculpa d'esta falta, devida a tão imperiosos motivos.



**PÕ**  
**DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina.*  
 Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 6, Rue Dombasle, PARIS

**FORMIGAS-DESTRUIÇÃO COMPLETA**  
**ROSENE**  
**DAS FORMIGAS-DESTRUIÇÃO COMPLETA**

NETTO, NAIVIDADE & C.<sup>a</sup>

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS, assim como de:  
 Laboratorio Productos esterilizados Sanitas.  
 Laboratorio de Granulados e Esterilizados Es-  
 tado & Filhos, Sabonete Alcatraz composto  
 Dr. Camara Pestana, Xarope litérico contra a  
 cãse convulsa, Espinhaire Alvar.

**O Seculo Agrícola**

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino  
 pratico de agricultura, jardinagem, crea-  
 ção de animais, etc.

PREÇO 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas prestação de serviços tec-  
 nicos - analises e informações.

FOR ASSINATURA Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO  
 DO GENERO

**M**OZAICOS — AZULEJOS —  
 — CAL HYDRAULICA  
 CIMENTO ALGUA ROCHEDO  
 — GOARMON & C.<sup>a</sup> —  
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2  
 TELEPHONE 1217 LISBOA

Molestias dos Paizes quentes.

**FERRO**  
**QUEVENNE**

CURA:  
**ANEMIA**  
**FEBRES, DEBILIDADE**  
*Activo, agraçavel, economico, inalteravel.*  
 a fabrica e Sello da "Union des Fabricants"

**COMPANHIA DO PAPEL**  
**DO PRADO** *Socied. anonima*  
*respons. limitada*

ações .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção .....	296.400\$000
Réis .....	300.510\$900

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrinho (*Toma*), Penção e Casal de Hernito (*Louã*), Vale Maior (*Albergaria-a-Velha*). Instalaadas para uma produçao anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impresso e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricaçoes especiais de qua quer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

SELLOS DE CORREIO

CATALOGO GRATIS E FRANCO  
*Remittam-se Folhas para escolher*  
**POULAIN FRÈRES**  
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

**POLICIA**  
**PARTICULAR**

INSTITUTO especial para informaçoes,  
 investigaçoes e vigilancia  
 de pessoas RUA DO REGEDOR ao Cal-  
 das 9, r. c. - LISBOA.

**Perfumaria**  
**Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777 - LISBOA

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

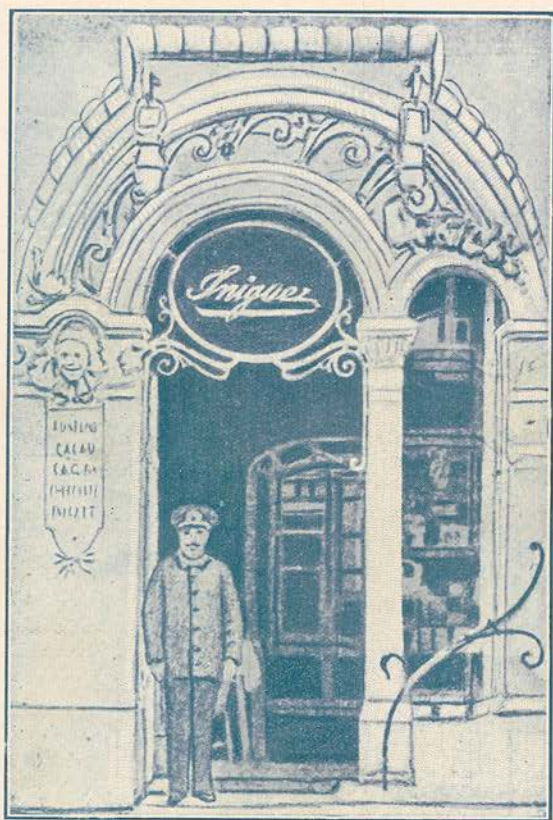
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Linha telegrafica em Lisboa e Porto  
**Companhia Prado**, Numero telefonico: Lis-  
 boa, 003—Porto, 117.



# INIGUEZ

Peçam em toda a parte BOMBONS, CACAU, CAKULA  
e CHOCOLATE d'esta afamada marca



SUCURSAL DA FABRICA DE CHOCOLATE:

**Rua Aurea, 279-LISBOA**

**TELEFONE 3:586**

Objectos de fino gosto com bombons – Bombons diversos,  
Nougai, Praliné, etc.